

A QUEM INTERESSA A QUESTÃO RACIAL: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA DO COLÓQUIO DISCENTE (PPGCOM/UFMG) A PARTIR DO CONCEITO DE INTERSECCIONALIDADE

Rafaela Cristina de Souza¹
Rannyson Mykael da Silva Moura²

RESUMO

Considerando o cenário de aprovação de políticas afirmativas étnico-raciais para a pós-graduação, este estudo tem como objetivo analisar possíveis mudanças na produção acadêmica em Comunicação observando a questão racial, mas sem dissociá-la das avenidas identitárias e interseccionalidades. Para isso, analisamos 53 artigos publicados a partir das apresentações do Colóquio Discente de 2019 e de 2020, organizado e composto por estudantes do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Recorremos a Lélia González para pensar a formação da sociedade brasileira e o racismo como algo indissociável sobre corpos subalternizados e que se estende às Universidades, um espaço no qual o poder e saber também estão concentrados nas mãos de grupos privilegiados, o que faz com que determinados indivíduos, que supostamente não deveriam estar ali, sejam violentados. Utilizamos a metodologia da Roleta Interseccional para entender quais atravessamentos identitários são acionados pelas pesquisas e pesquisadores, observando como eles interagem entre si. Os resultados iniciais mostram que o ingresso de estudantes negros varia ano após ano, ao mesmo tempo em que alguns estudos acionam o viés étnico-racial. Em termos quantitativos, o número de pesquisas com esta temática é muito menor em relação ao número de ingressantes do PPGCOM/UFMG. Em uma análise qualitativa, a partir dos conceitos de representatividade e da nomeação da raça, inclusive de pessoas brancas, percebemos que produzir trabalhos no Campo da Comunicação, desconsiderando o fator racial, pode revelar

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, souzacrafaela@gmail.com;

2 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, rannyson.m@gmail.com.

um desconhecimento ou falta de interesse pelo tema, relegando os debates, principalmente, às pessoas negras.

Palavras-chave: Racialidade, Interseccionalidade, Comunicação, Racismo Acadêmico, Educação.

INTRODUÇÃO

O Colóquio Discente é uma iniciativa do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG) que acontece desde 2017 com o intuito de integrar atuais estudantes e egressos a partir do compartilhamento de suas pesquisas. Temáticas semelhantes são reunidas em Grupos de Pesquisa para que o debate contribua com o aprimoramento de cada estudo apresentado — e assim se dá o evento que costuma acontecer anualmente.

Como alunos e parte do PPGCOM/UFMG, nos interessa verificar se, entre os trabalhos apresentados, as questões interseccionais, que perpassam raça, gênero, sexualidade e classe, entre outros, estão sendo debatidas junto ao Campo da Comunicação e, se sim, de que forma essa aproximação está sendo feita.

Tomamos como ponto de partida a afirmação de que a comunicação é construída por meio da interação entre indivíduos, conforme estabelecido pelo modelo praxiológico da comunicação (França e Simões, 2018). Dessa forma, consideramos relevante que as questões interseccionais estejam presentes como forma de aprofundar o debate e fundamentar pesquisas futuras. Assim, quando diferentes situações forem analisadas, as avenidas identitárias poderão ser acionadas sem que os atravessamentos dos indivíduos envolvidos sejam erroneamente considerados como irrelevantes. Propomos, então, complexificar a comunicação, sem que seja necessário focar unicamente nos canais midiáticos ou formas de circulação de uma notícia, por exemplo, observando também quem são os agentes envolvidos e de que lugar eles falam, quando for possível coletar tais informações, estendendo o olhar para uma consideração das consequências de tais atravessamentos nos recortes observados.

Em termos práticos, utilizamos como recorte temporal de análise os anos de 2019 e 2021³, nos quais aconteceram, respectivamente, as edições III e IV do Colóquio Discente. Justificamos essa escolha por dois motivos principais: pela acessibilidade, já que os trabalhos de ambas as edições foram compactados em e-books publicados em 2020 e em 2022; e por ser um período posterior à implementação da política de cotas raciais nos programas de pós-graduação do UFMG⁴,

3 A edição de 2020 do Colóquio Discente foi suspensa em razão da pandemia do coronavírus.

4 A Resolução 2/2017 aprovada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFMG está em vigor desde 2018 e prevê que entre 20% e 50% das vagas sejam reservadas a candidatos negros em cada curso de mestrado e doutorado da Universidade. Disponível em: https://ufmg.br/storage/2/4/e/d/24e-da98ac95c3382512a3381022c7a85_16597234011598_68404853.pdf. Acesso em: 04 nov. 2023.

o que pode contribuir — ou não — com um fomento à presença da interseccionalidade nas pesquisas entre mestrandos, doutorandos e egressos do PPGCOM/UFMG.

Para alcançar o objetivo descrito anteriormente, usamos os princípios da bibliometria como principal percurso metodológico. Dessa forma, dados quantitativos serão levantados como forma de organizar os principais padrões encontrados nos textos e, após essa coleta, analisaremos, qualitativamente, se os recortes interseccionais são abordados e, se sim, de que forma eles são retratados nos dois anos citados. Para tanto, analisaremos três instâncias de cada trabalho, sendo elas: título, introdução e referências. Com esta última categoria, temos o intuito de observar quais autores são utilizados nas pesquisas em comunicação da UFMG e, igualmente, de qual lugar eles falam. Para tanto, conciliamos a bibliometria com o método da Roleta Interseccional, desenvolvido por Fernanda Carrera (2021), para observar quais avenidas identitárias atravessam tais autores utilizados pelos estudantes e egressos do PPGCOM. Acreditamos que realizar esse levantamento é importante para entender quem tem guiado as nossas pesquisas e cumprir, se for o caso, com a busca por justiça social, como a própria Carrera (2021) cita em relação ao seu método, caso o cenário das referências bibliográficas reflita a sociedade na qual vivemos: patriarcal, branca e cisheteronormativa.

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos, realizamos alguns passos metodológicos guiados pelas principais perguntas e questionamentos apresentados anteriormente. Nesse sentido, fizemos uma exploração inicial dos dados do Colóquio Discente disponíveis no site do evento⁵, a fim de compreender quais recursos estavam disponíveis para a nossa análise. Como nos interessa investigar se houve impactos no número de trabalhos que dialogam com uma perspectiva interseccional, nossa primeira escolha metodológica foi analisar apenas os eventos realizados após a implementação da política de cotas para pessoas negras na pós-graduação da UFMG. A partir dessa escolha, eliminamos a primeira edição do Colóquio, realizada em 2017 e selecionamos os eventos de 2018, 2019, 2021 e 2022. No entanto, não foi possível encontrar dados completos sobre os eventos de 2018 e de 2022 até a realização deste trabalho — identificamos apenas os nomes das mesas temáticas e dos títulos dos trabalhos apresentados, o que não nos ajudaria a analisar questões como autores citados, por exemplo.

5 <https://coloquiodiscenteppgcom.wordpress.com/>.

Diante disso, realizamos um segundo recorte para a análise, selecionando apenas os eventos que tiveram os trabalhos completos publicados em e-books pelo Selo PPGCOM/UFMG, ou seja, as edições de 2019 e 2021. Ressaltamos que nem todos os trabalhos apresentados no Colóquio são publicados no e-book, já que é necessário enviar o trabalho completo para a comissão científica do Colóquio. Em 2021, por exemplo, 76 resumos foram inscritos para as apresentações no IV Colóquio Discente, mas apenas 32 trabalhos foram publicados no e-book. Apesar disso, consideramos que, mesmo sem os dados de todos os trabalhos apresentados, o quantitativo total de 53 artigos publicados nos e-books das edições de 2019 e 2021 podem nos ajudar a compreender os objetivos do trabalho.

Nesse sentido, realizamos dois movimentos de análise. No primeiro, fizemos uma exploração inicial de todos os artigos, através da análise dos títulos, introdução e referências utilizadas, a fim de identificar quais trabalhos acionam algum tipo de discussão ligada a uma perspectiva interseccional ou a questões de raça, gênero e sexualidade de forma separada. Depois disso, realizamos a segunda etapa do percurso metodológico, a partir de uma análise qualitativa dos artigos que selecionamos na etapa anterior, a partir dos trabalhos que acionam um viés interseccional ou trazem questões de raça, gênero e sexualidade sem utilizar esse viés. Na análise, fizemos uma segunda leitura desses 31 textos, a fim de identificar as principais temáticas e os principais autores acionados nas discussões. Para isso, utilizamos a roleta interseccional (Carrera, 2021) como quadro metodológico para identificar como as matrizes de opressão atuam nos processos comunicacionais dos sujeitos e compreender “as marcas, os rastros destas avenidas de opressão que se revelam nas interações cotidianas, na comunicação midiática e nas representações discursivas” (Carrera, 2021, p. 9). No caso desta análise, nos interessa saber como essas matrizes de opressão continuam operando na produção de conhecimento acadêmico, tendo em vista que a Universidade também é um espaço no qual o poder e o saber estão concentrados nas mãos de grupos privilegiados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das discussões teórico-metodológicas explicitadas anteriormente, apresentamos os principais resultados encontrados. De modo geral, a maioria dos trabalhos publicados nos dois e-books não perpassam reflexões sobre raça, gênero e sexualidade. Em 2019, apenas 4 dos 21 trabalhos acionam alguma perspectiva relacionada à raça e 7 têm alguma reflexão sobre gênero e sexualidade, o que representa 19% e 33% do total, respectivamente. Já em 2021, encontramos

um cenário um pouco diferente, com 50% do total de trabalhos acionando perspectivas de gênero e raça. No entanto, quando olhamos apenas para raça, apenas 13 dos 32 trabalhos fazem alguma reflexão sobre essa temática (40%).

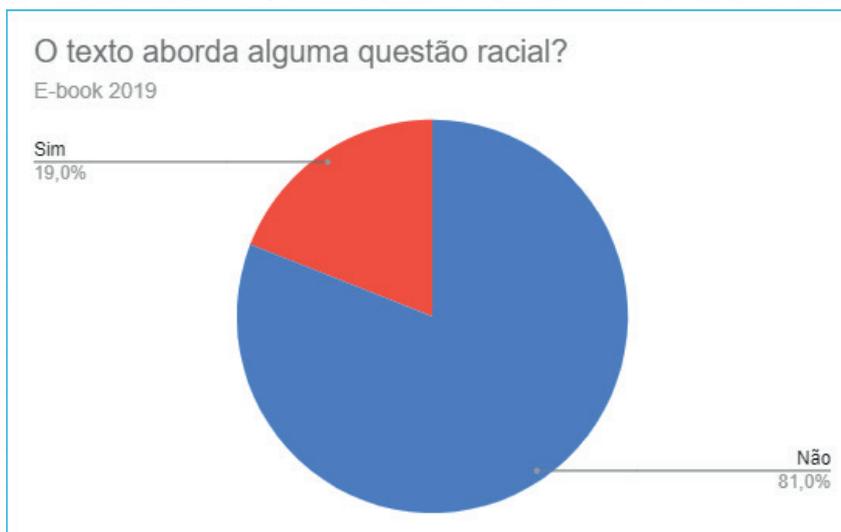
Esses dados nos chamam a atenção principalmente porque a Comunicação para nós e para as linhas de pesquisa do PPGCOM da UFMG é entendida como uma prática humana, marcada pela reflexividade e pela ação do indivíduo no mundo (França, 2016). Essa perspectiva é ainda mais importante quando refletimos sobre as principais temáticas abordadas nos trabalhos publicados nos dois e-books, que trazem um olhar comunicacional sobre o cinema, o entretenimento, a música e a política, por exemplo, ou seja, objetos que estão diretamente ligados por esse viés relacional da ação humana. Assim, nos impressiona a falta de pesquisas que utilizem um viés interseccional se os objetos analisados perpassam experiências, interações e atos comunicativos de sujeitos diversos, marcados por diferentes tipos de eixos de opressão e eixos de privilégios (Carrera, 2021).

Comunicar, insurgir: engajamentos metodológicos na pesquisa em Comunicação

Os trabalhos apresentados no III Colóquio Discente foram compilados em um e-book publicado em 2020, com o título “Comunicar, insurgir: engajamentos metodológicos na pesquisa em Comunicação”. Os 21 trabalhos foram divididos em sete partes, com títulos que se relacionam com as temáticas dos trabalhos, como “Sociabilidade, gênero e raça”, “Produção de sentidos no audiovisual” e “Plataformas digitais e produção de sentido”.

Após o primeiro movimento de análise dos trabalhos, a partir dos títulos, introdução e referências, encontramos quatro trabalhos que apresentam alguma reflexão sobre raça e sete trabalhos que mencionam gênero e/ou sexualidade, conforme apresentamos na Figura 1:

Figura 1: Análise da abordagem étnico-racial das pesquisas do III Colóquio Discente



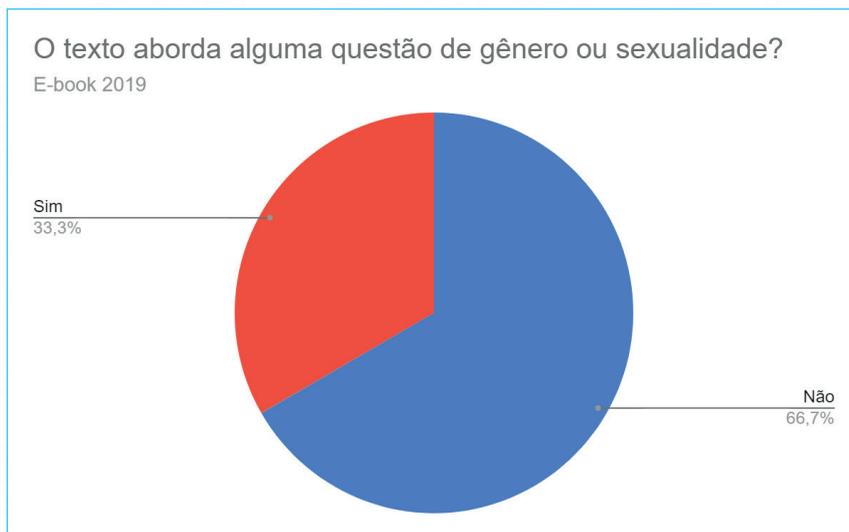
Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

De modo geral, destacamos que os quatro trabalhos que acionam alguma perspectiva relacionada a questões étnico-raciais não fazem essa reflexão de forma isolada. Na verdade, identificamos a presença de uma perspectiva interseccional que aciona mais de um marcador, explicitando eixos de opressão que perpassam gênero, raça e classe, por exemplo. Para isso, os textos se apoiam em autoras como Grada Kilomba, Kimberlé Crenshaw, Laura Guimarães Corrêa, Lélia Gonzalez, Patrícia Hill Collins e Sueli Carneiro. Aqui, também identificamos um movimento afirmação de algumas das autoras desses textos, ou seja, elas se colocam como mulheres negras, em um processo definido por Collins como “autodefinição”, que envolve “desafiar o processo de validação do conhecimento político que resultou em imagens estereotipadas externamente definidas da condição feminina afro-americana” (Collins, 2016, p. 102). Segundo a autora, esse movimento de se autodefinir, em conjunto com a autoavaliação e de compreender a natureza interligada da opressão é o que fundamenta o potencial do pensamento feminista negro enquanto ferramenta de emancipação de mulheres negras. Isso fica ainda mais evidente quando observamos como pensadoras negras são mais citadas por mulheres negras. No geral, as referências utilizadas nos trabalhos analisados permanecem com perspectivas advindas de homens brancos, cis e heterossexuais do norte global.

Já em relação às pesquisas que utilizam como base teórica perspectivas sobre gênero e sexualidade, identificamos que sete dos 21 trabalhos abordam essas temáticas, conforme apresentamos na Figura 2. No entanto, os sete textos

não utilizam uma perspectiva interseccional e, em relação ao referencial utilizado, observamos a predominância de autoras como Judith Butler e Connell.

Figura 2 Análise da abordagem sobre gênero e sexualidade das pesquisas do III Colóquio Discente



Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Como aponta Carrera (2021), pesquisas que utilizam uma abordagem interseccional contribuem para que o da pessoa pesquisadora não se limite a apenas uma opressão, mas tenha uma visão mais complexa a respeito “dos sujeitos, dos objetos, dos espaços e das materialidades comunicacionais” (Carrera, 2021, p. 15). Assim, não se trata de ignorar a importância das autoras citadas nos trabalhos para os estudos sobre gênero e sexualidade, mas de compreender como um viés interseccional pode nos ajudar a entender as múltiplas dinâmicas de poder que perpassam os objetos da pesquisa em Comunicação.

Por fim, destacamos a ausência de marcadores em pesquisas que olham para o que é “hegemônico”. Segundo Jota Mombaça (2021), é necessário nomear a norma como forma de questionar as posições privilegiadas que alguns sujeitos ocupam na sociedade. Se as nossas pesquisas em Comunicação perpassam interações diversas que são realizadas através da TV, do rádio, da publicidade, etc., os sujeitos que participam dessas interações também precisam ser nomeados. Carrera aponta que a roleta interseccional também pode ser pensada como análise dos privilégios, mas sem se desvincular do seu objetivo fundamental, que é expor injustiças (Carrera, 2021, p. 12). Mas é só a partir da nomeação do que é visto como norma que podemos compreender como esses privilégios perpassam os objetos das pesquisas analisadas. Isso fica mais evidente quando observamos

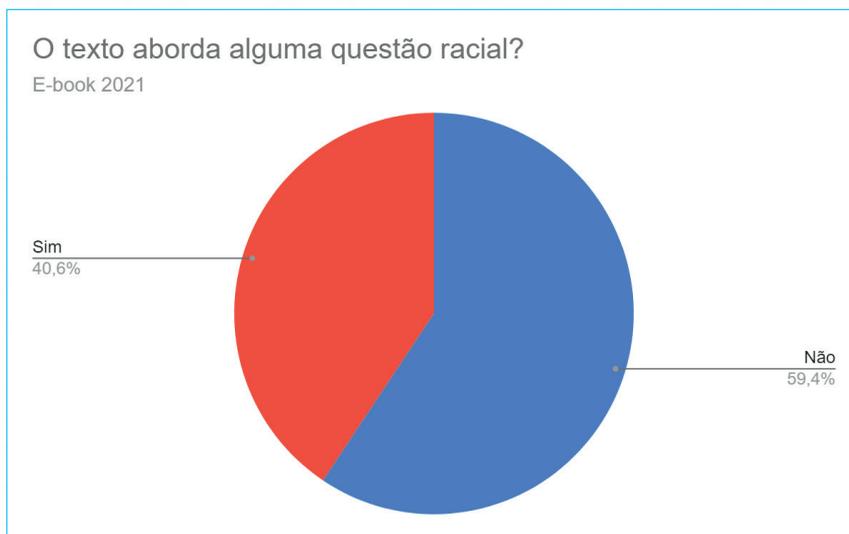
a quantidade total de trabalhos do e-book que não acionam nenhum marcador apenas porque o objeto citado é a norma.

Ainda Assim nos Levantamos

Em seguida, analisamos os trabalhos apresentados no IV Colóquio Discente que também foram compilados em um e-book, publicado pelo Selo PPGCOM da UFMG, com o título “Ainda Assim nos Levantamos”. A obra é composta por 32 trabalhos organizados de acordo com a aproximação entre as temáticas debatidas, como “Comunicação e Política”, “Comunicação, Gênero e Sexualidade” e “Corpo, Corporeidades e Afetos”, por exemplo.

Conforme mencionado em nossa metodologia, fizemos uma leitura prévia dos trabalhos, atentando às seções do título, introdução e referências como forma de analisar se a interseccionalidade se mostrava como relevante para o trabalho e, se sim, de que forma o conceito era trabalhado.

Figura 3: Análise da abordagem étnico-racial das pesquisas do IV Colóquio Discente



Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Como mostra a Figura 3, é possível perceber que há uma aproximação maior entre os dados apresentados, ao contrário do alto contraste relatado em 2019, como já discutido. Apesar de não ser o objetivo primordial desta pesquisa, o comparativo nos faz refletir sobre os movimentos que podem ter levado a esse aumento considerável da abordagem étnico-racial nos trabalhos apresentados no Colóquio Discente do PPGCOM/UFMG. Entre elas, destacamos a política de cotas que, apesar de ter entrado em vigência em 2018, é um processo que requer

tempo até ser possível vislumbrar os efeitos na prática, especialmente quando consideramos que a academia foi — e ainda é — violenta ao corpo negro (Kilomba, 2019), desde a entrada à sua permanência, principalmente quando falamos da pós-graduação (Martins; Novaes; Gama, 2021), ambiente elitizado e que impede, com frequência, o acesso ao conhecimento a corpos marginalizados. Além disso, também consideramos como relevante a efervescência do debate centrado em raça que foi potencializado pelos atos em protesto ao assassinato de George Floyd, nos Estados Unidos, reverberando também no Brasil. O caso trouxe à tona as desigualdades raciais nos países (BBC, 2020), assim como evidenciou o genocídio do povo negro que acontece diariamente, como visto e sentido pelas mortes de João Pedro Mattos (14 anos), Miguel Otávio Santana da Silva (5 anos) e João Alberto Silveira Freitas (40 anos) no mesmo ano. É válido considerar que 2020 também foi o primeiro ano de maior incidência da pandemia do coronavírus, o que resulta em mais tempo em casa, para uma parte da população, assim como mais contato com redes sociais digitais e acesso às notícias (Ribeiro; Silva, 2021). Estes são espaços em que a questão racial tomou grandes proporções, levando a uma alta busca, inclusive, por livros que fossem centrados no tema (Pequeno Manual Antirracista, de Djamila Ribeiro; Racismo Estrutural, de Silvio Almeida; Torto Arado, de Itamar Vieira Júnior), levando-os às listas de mais vendidos do respectivo ano (Fernandes; Moura, 2023).

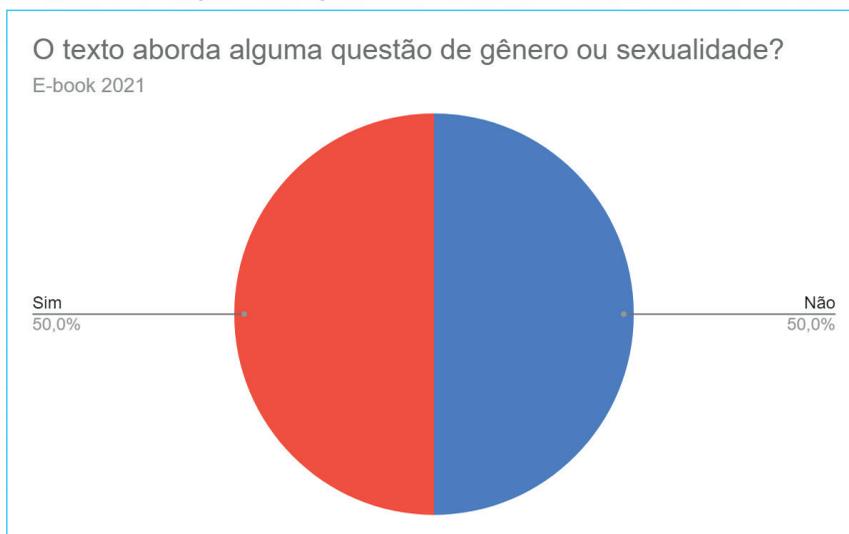
Tudo isso é válido para pensar a produção acadêmica que foi realizada em tal contexto. Em uma análise qualitativa dos trabalhos apresentados nessa edição do Colóquio Discente, é possível perceber que o acionamento da raça está fortemente associado à questão da imagem e performance, como em videocliques, telenovelas, cinema, telejornal e até mesmo perfis no Instagram. Para tanto, como fundamentação teórica, vemos com certa frequência a presença de bell hooks e seu pensamento sobre o olhar negro (2019) em tais trabalhos, sendo a pensadora mais citada quanto à questão racial, aparecendo oito vezes ao longo dos 32 trabalhos analisados. Apesar de ser uma teoria relevante para o Campo da Comunicação, acreditamos que este dado possa gerar algumas reflexões a partir da percepção de que ele é usado, com frequência, de forma breve, enquanto o foco de uma parte considerável dos textos recai sobre elementos tecnicistas, como se fosse possível fazer tal separação, quando na verdade os dois aspectos estão interligados. Apesar disso, destacamos o interesse dos pesquisadores em usar como objeto de pesquisa produções protagonizadas por pessoas negras e com viés decolonial, o que representa um movimento interessante.

Ainda tendo como base analítica as referências utilizadas nos trabalhos que fazem acionamento da raça, percebemos que pensadoras mulheres, como bell

hooks, Audre Lorde, Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez, por exemplo, são citadas como fundamentação de um pensamento interseccional, principalmente quando se trata do cruzamento entre raça e gênero, falando da perspectiva de mulheres negras. No entanto, quando trata-se de homens negros, o foco é unicamente na raça, como é o caso de Muniz Sodré, Achille Mbembe, Stuart Hall e Abdias Nascimento. O dado é interessante ao revelar como o debate da masculinidade, quando se fala de gênero, ainda é muito ausente na área da comunicação, como podemos observar a partir dos dados do Colóquio Discente. Temos ciência de que diversos pesquisadores têm adentrado o tema (Milton Ribeiro, 2020; Alan Ribeiro e Deivison Faustino, 2017; Pablo Viana, 2020), mas o movimento ainda tem pouco reflexo nas pesquisas apresentadas, principalmente quando pensamos em uma perspectiva interseccional.

Quanto à perspectiva de gênero e sexualidade, optamos por fazer, novamente, uma análise própria, considerando a abrangência das temáticas. Metodologicamente, observamos que um olhar específico sobre tais debates poderia trazer dados interessantes, assim como foi o caso da análise racial. Nesse sentido, trazemos a seguir o quantitativo de trabalhos que abordam alguma questão de gênero e sexualidade:

Figura 4: Análise da abordagem sobre gênero e sexualidade das pesquisas do IV Colóquio Discente



Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Aqui, reafirmamos o nosso interesse e vínculo à abordagem da pesquisa em comunicação a partir de um viés interseccional. No entanto, em uma análise prévia dos trabalhos publicados, percebemos uma forte ausência de pesquisas que se aproximassem da perspectiva. Em grande parte dos casos, os marcadores

sociais são acionados de forma individual, sem considerar os atravessamentos entre si, o que também resulta em um dado válido para pensar o caminho trilhado atualmente. Quando olhamos sobre eles a partir da perspectiva de gênero e sexualidade, percebemos que há, quantitativamente, mais trabalhos que acionam tais vivências, se comparado aos números anteriores. As pesquisas publicadas são altamente voltadas para vivências femininas, fazendo uso de conceitos como sororidade e transfeminismo, além de tecer articulações entre mulheres e espaços comunicacionais ocupados, como videocliques, cinema, telenovelas e peças publicitárias, alguns dos quais já foram mencionados anteriormente. Aqui, novamente, vemos repetir a perspectiva de escolhas, como se os marcadores sociais fossem vistos separadamente: a articulação entre gênero e sexualidade é quase nula, optando-se por analisar apenas uma das vivências – a primeira, em grande maioria, além de ser feita uma separação das questões étnico-raciais.

Ainda no sentido de pensar as ausências, uma das hipóteses que tínhamos em nosso trabalho era encontrar uma maior incidência de trabalhos com viés social, dando voz a corpos marginalizados, em seções que falassem sobre performance e afetos, por exemplo, mas os resultados contrariam tal expectativa. Gênero e sexualidade aparecem com mais frequência, mas a raça é acionada em poucos casos e, mesmo quando aparece, tem um desenvolvimento superficial, deixando evidente que não é um fator de grande relevância para o estudo. O mesmo acontece quando o foco do trabalho é a cidade de Belo Horizonte, onde é sediado o Colóquio Discente da UFMG. Foca-se no produto, sejam jornais ou peças publicitárias, por exemplo, enquanto as pessoas envolvidas no processo, desde aquelas que criam até as que são representadas em tais obras e impactadas pela circulação, não aparecem como um fator relevante. A partir disso, é possível perceber ainda uma tendência aos modelos mais tradicionais da comunicação em que todo o processo é desmembrado e escolhe-se focar em apenas um eixo, como emissão ou recepção, quando, na verdade, eles estão diretamente relacionados e em contínua afetação, em uma relação contínua entre mídia e sociedade (Vimieiro; Eugenio; Pilar, no prelo).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como principal objetivo compreender se e como a questão racial e suas interseccionalidades tem sido abordada na produção acadêmica sobre Comunicação, tendo como recorte o Colóquio Discente organizado pelos discentes do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG. Diante disso, identificamos que, mesmo com o aumento do ingresso de pessoas

negras na pós-graduação, a partir das políticas de cotas, e também do aumento de discussões sobre temáticas raciais, especialmente no contexto da pandemia de Covid-19 (Fernandes; Moura, 2023), apesar dos objetos utilizados na produção acadêmica analisada perpassarem sujeitos diversos, poucos trabalham trazem um viés interseccional. Além disso, muitas vezes as referências utilizadas nos textos dos dois e-books analisados são escritas por homens cis brancos, enquanto mulheres negras são acionadas poucas vezes, especialmente quando o texto é escrito por autoras negras.

Assim, acreditamos que os temas abordados na pesquisas também sejam reflexo daquilo que faz parte da circulação midiática, como bem sabemos, majoritariamente masculino, branco, hétero e cis. Dessa forma, dar visibilidade a vivências interseccionais requer certo esforço – assim como desejo – da parte dos pesquisadores. É um movimento que envolve diversas instâncias, incluindo a atenção à sociedade e as ausências, interesse em fazer parte de um processo de contranarrativa verdadeiro e apoio de instituições sociais que permitam que tais vozes sejam ouvidas, neste caso, o PPGCOM/UFMG, por exemplo, mas que também deve se estender a outros órgãos acadêmicos.

Segundo Carrera, a roleta interseccional não tem como objetivo compreender as vivências isoladas de cada pessoa, mas “identificar aquelas que são mobilizadas, pelo sujeito, seus interlocutores, audiência ou aqueles que o acionam na construção dos enunciados e que deixam marcas no discurso” (Carrera, 2021, p. 12). Nesse sentido, retomando a perspectiva interacional da Comunicação, destacamos não só a potência do conceito de interseccionalidade, mas a produção de intelectuais negras como Collins, Crenshaw, Gonzalez, hooks, Kilomba e Ribeiro (Côrrea et al, 2018) para as pesquisas em Comunicação, que são marcadas por experiências individuais e coletivas em diferentes esferas, como no âmbito midiático, político e social. É através de um olhar atento à margem (Côrrea, 2022), às interseções dos sujeitos que participam das dinâmicas interacionais, não só como objetos de pesquisa, mas como produção de conhecimento que podemos compreender os sistemas de opressão que atuam na sociedade, e contribuir com a mudança social.

REFERÊNCIAS

BBC. *Protestos por George Floyd: em seis áreas, a desigualdade racial para negros no Brasil e nos EUA*. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/25/protestos-por-george-floyd-em-seis-areas-a-desigualdade-racial-para-negros-no-brasil-e-nos-eua.ghtml>. Acesso em: 15 nov. 2023.

CARRERA, F. Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação. *E-Compós*, [S. l.], v. 24, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3KGaak7>. Acesso em: 19 dez. 2023.

COLLINS, P. H. Aprendendo com o outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, nº 1, Florianópolis, jan/abril, 2016.

CORRÊA, L. G.; GUIMARÃES-SILVA, P.; BERNARDES, M.; FURTADO, L. Entre o inter-racional e o interseccional: Contribuições teórico-conceituais das intelectuais negras para pensar a comunicação. *Revista Eco-Pós*, v. 21, n. 3, 2018.

CORRÊA, L. G. Interseccionalidade: um desafio para os estudos culturais na década de 2020. In: SANTOS, L. H. S. dos; KARNOPP, L. B.; WORTMANN, M. L. C. (Org.). *O que são estudos culturais hoje?* Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022, p. 123-141.

FERNANDES, P. M.; MOURA, R. S. Mercado editorial e interseccionalidade: Um olhar sobre as listas de livros mais vendidos entre 2020-2022. *PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM*, v. 7, n. 13, 2023.

FRANÇA, V. R. V. O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional. In: MOURA, C. P. de; LOPES, M. I. V. de (Org.). *Pesquisa em Comunicação (Metodologias e Práticas Acadêmicas)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

FRANÇA, V. R. V.; SIMÕES, P. G. (Org.). *O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em Comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2018. p. 89-117.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINS, E.; NOVAES, L. C.; GAMA, E. D. da. O acesso de estudantes negros à pós-graduação: um estudo sobre inclusão étnico-racial na universidade pública. *Educere et Educare*, [S. l.], v. 16, n. 39, p. 120-148, 2021. DOI: 10.17648/educare.v16i39.23476. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/23476>. Acesso em: 14 nov. 2023.

MOMBAÇA, J. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

RIBEIRO, R.; SILVA, T. *Isolamento social potencializa dependência tecnológica*. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/revista-do-correio/2021/02/4905199-isolamento-social-potencializa-dependencia-tecnologica.html>. Acesso em: 15 nov. 2023.

VIMIEIRO, A. C.; EUGENIO, F. R.; PILAR, O. A produção acadêmica sobre mídia, gênero e esporte no Brasil (2000-2020): Reflexões a partir da Comunicação. *Revista ECO-PÓS* (ONLINE), no prelo.